

CARTAS DE VILLEGAGNON: REMINISCÊNCIAS DA VIDA DO ALMIRANTE MAXIMIANO FONSECA



“Além da simpática e risonha simplicidade e do sólido e esperançoso patriotismo, a nós, da família, marcava-nos a sua autenticidade. Gostava de agir, sempre, de acordo com a sua natureza. E foi com essa fidelidade a ela (sua natureza) que ganhou a admiração de todos que com ele conviveram e que, de Taboas, foi parar em Brasília. Ansioso e avesso à rodeios, eram comuns seus “... vá direto ao assunto!” que, apesar de nos preocupar pela aparente rispidez, logo percebemos, soavam ao interlocutor como garantia de confiabilidade e terminavam por gerar admiração. (...) A Marinha foi sua vida. Desde a aventura na jangada, improvisada para travessuras de menino, e referida como de grande influência para sua vocação naval, até seus últimos dias, ele a viveu intensa e prazerosamente. Em casa, já na reserva, preparava-se com animação para atender aos convites a qualquer tipo de cerimônia naval. Sempre que nos víamos, mesmo já doente, recebia-me com a mesma ávida pergunta: “quais são as novidades na Marinha?”

Para todas, continuava a ter convicta e, quase sempre, arrojada opinião. Costuma-se dizer que para a Marinha só se entra, e que dela nunca mais se sai.

Assim aconteceu com o meu pai¹

Vice-Almirante Luiz Fernando Palmer Fonseca

Asp Vitor Deccache Chiozzo

VILLEGAGNON, EM 4 DE ABRIL DE 2010

Excelentíssimo Almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca,

Hoje, passa-se doze anos que Vossa Excelência atendeu à convocação de Nosso Supremo Comandante-em-Chefe, para seguir em sua derradeira comissão. Tomei a liberdade de escrever, pois, sempre em sua carreira, adotou uma política de “portas abertas” recebendo a todos que quisessem lhe falar, sem maiores formalidades e sem discriminação de posto ou graduação, mantendo assim contato estreito com pessoas de todos os níveis hierárquicos, dando a todos a oportunidade de se manifestarem livremente sobre o que consideravam importante².

Participo através dessa missiva, como o senhor sempre desejava saber, *as novidades na Marinha*, e sem rodeios e pormenores, sigo *direto ao assunto*.

“NAVEGANTE, POR ONDE SINGRARES, /LOUVARÁS NOSSA NOBRE MISSÃO”

HOMENAGENS.

O senhor fora alçado ao posto de Patrono das Mulheres Militares da Marinha, pois em sua gestão, fruto de uma visão arrojada para a época, admitiu as mulheres em nossas fileiras, criando o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (Lei nº6807 de 7 de julho de 1980), fazendo com que nossa Instituição fosse pioneira em contar com a presença feminina em seus Quadros.

¹ Maximiano Fonseca, “De Taboas a Brasília”, Rio de Janeiro, Editora ao Livro Técnico, 1999.

² Id.

Hoje não mais existe este Corpo, e as oficiais e praças encontram-se nas mais diversas funções nas diversas Organizações Militares contribuindo sobremaneira para o profissionalismo e eficiência de nossa Força.

No dia de seu nascimento, 6 de novembro, comemora-se o Dia Nacional do Amigo da Marinha, da qual o senhor foi o grande incentivador, através da Sociedade de Amigos da Marinha (SOAMAR), quando incrementou um melhor e mais estreito relacionamento da Marinha com os soamarinos e a sociedade, incentivando-os a divulgar em seu meio a importância do Poder Naval para o País e a serem *sentinelas avançadas da Marinha* com a responsabilidade, afetuosa e livremente assumida, de defendê-la e engrandecê-la.

O nome do terminal da Baía da Ilha Grande, em Angra dos Reis (RJ), da Petrobras, empresa da qual foi diretor (30 de abril de 1985 a 10 de junho de 1991) alterou-se, desde junho de 1998, para Terminal Marítimo Almirante Maximiano.

Não poderia me furtar de mencionar a novidade, da que acredito gostará mais.

Quando exerceu o cargo de Ministro da Marinha, Vossa Excelência homenageou seu grande amigo, o Capitão-de-Fragata Arnaldo da Costa Varella, dando-lhe o nome ao Navio Balizador “Comandante Varella (H18)”. Hoje, o senhor nomeia nosso Navio Polar, o “Almirante Maximiano (H41)”. Um dos quatro navios mais modernos de pesquisa antártica do mundo é brasileiro! Quanto orgulho! É muito superior ao destemido e saudoso Navio de Apoio Oceanográfico Barão de Teffé, adquirido em 1982 e que prestou à Marinha, à Hidrografia Brasileira, ao Programa Antártico e suas pesquisas inestimável serviço.

A tripulação do H-41, “Cadência MÁXima”, possui o mesmo entusiasmo na execução das Operações Antárticas, dos primeiros que iniciaram essa aventura, mantendo a elevada tradição de nosso Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), no continente glacial onde, desde 1983, (recordasse-se) tremula nosso pavilhão nacional na Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), na Ilha Rei George, consolidando desta forma, nossa participação no Tratado Antártico.

Na Praça d’Armas do Navio Polar, carinhosamente chamado de “Tio Max” pela tripulação, encontra-se sua espada de Guarda-Marinha da turma de 24 de dezembro de 1941, por desejo de sua esposa, Sra. He-loísa Palmer. Lembra-se quando o senhor assumiu o Ministério, dia 15 de março de 1979? Na profusão de pensamentos, um se sobressaía...

“Aquele modesto garoto de Taboas, cujos melhores sonhos eram atingir o posto de almirante, chegava à Brasília e assumia o mais alto cargo da Marinha do Brasil. Atingindo o mais alto cargo da Marinha, tal fato contribuiu ainda mais para aumentar ainda mais meu otimismo e minha crença no futuro do Brasil, uma vez comprovando que as oportunidades estão abertas a todos os brasileiros, que podem galgar, honestamente, as mais elevadas posições”³.

É uma pena que o senhor não esteja aqui para compartilhar conosco essas alegrias e sucessos de nossa Força e de nosso Brasil. Mas nosso Comandante-em-Chefe na Esfera Celeste o chamou. Acredito, piamente, que no céu também segue-se o lema da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN): “*Restará sempre muito o que fazer...*”

NOTÍCIAS DA MARINHA DO BRASIL: ONTEM, HOJE E PARA SEMPRE

► ESCOLA NAVAL

Nas palavras do Almirante Paulo Bonoso de Duarte Pinto, seu contemporâneo, para quem passou a Presidência do Clube Naval, após exercê-la de 11 de junho de 1977 a 15 de março de 1979, a Escola Naval:

“Tu [Escola] és como um velho marinheiro, nesta pedra cinza, pedaço de cais. E o teu coração não se cansa de conceber, de alimentar, de preparar novas almas, para o duro combate, meninos que se fazem homens, homens do mar, homens para o mar... e com a alta responsabilidade de preservar a vocação marítima de nosso povo, despertá-lo para seu futuro de grandeza que não pode prescindir do mar”.

Aqui em Villegagnon, as instalações foram modernizadas e reformadas. Dispomos de uma infraestrutura digna das grandes Academias Navais do mundo.

Almirante permanecemos vigilantes e prontos para o combate e a nos *dedicarmos inteiramente ao serviço*

³ Ib.

da Pátria⁴, tais como o aspirante do então Curso Prévio (1ºano) de 5 de abril de 1937, declarado Guarda-Marinha (nº22) em 24 de dezembro de 1941, o qual fora extremamente entusiasmado pelas matérias relacionadas à navegação, instrumentos náuticos e hidrografia.

Afinal, é em nossa Escola que iniciamos e nos despertamos para nossa vocação de homens do mar. E, já que falei sobre os homens do mar, acredito que cabem aqui alguns comentários sobre aspectos importantes de sua carreira, que gostaria de lembrar, pois como o senhor dizia: *os exemplos e ensinamentos de ex-chefes e comandantes moldam nossa formação militar e nos preparam para desempenhar os diversos cargos ao longo de nossa carreira*⁵.

Almirante Maximiano, peça-lhe permissão para, a partir deste momento, interromper as notícias sobre nossa Força e lhe mostrar um pouco do artigo que pretendo escrever sobre o senhor para publicação na Revista Acadêmica da Escola Naval, a “Villegagnon” e se porventura omitir alguma função exercida, perdoe-me a falta.

CARREIRA NAVAL

“SE, EM BATALHA, O FERROZ INIMIGO/ TU COMBATES, ALTIVO E SEM MEDO, /NA ESQUADRA, ESTAREMOS CONTIGO, / DESVENDANDO DO MAR O SEGREDO”: 2ª GUERRA MUNDIAL (GM), O INÍCIO DO OFICIALATO E O APERFEIÇOAMENTO EM HIDROGRAFIA.

No início da carreira, o então 2º Tenente Maximiano embarcado no Cruzador “Rio Grande do Sul”, participou do patrulhamento do Atlântico Sul, durante a 2ª GM. Sendo um dos 25 Oficiais de nossa Marinha com mais de 300 dias de mar em operações de guerra foi laureado com a Medalha de Serviços Relevantes e a Medalha de Bronze da Força Naval do Nordeste.

Após o conflito, foi designado para o NT “Duque de Caxias”, e em seguida, para o Encouraçado “Minas Gerais”. Apesar de querer ir para a Base Fluvial de Ladário, para ter alguma experiência com a “Marinha do Interior” teve o pedido negado, pois em breve cursaria Hidrografia (1949), o sétimo curso da especialidade na Marinha, como era seu desejo, já como Capitão-Tenente (CT). Após o curso, solicitou sua ida para Natal (RN), e apesar da dificuldade de oficiais com que lutava a DHN, o Diretor concordou em liberá-lo.

⁴ “Juramento à Bandeira Nacional.”

⁵ Maximiano Fonseca, “De Taboas a Brasília”, Rio de Janeiro, Editora ao Livro Técnico, 1999.

NHI “RIOBRANCO” (14 DE NOVEMBRO DE 1951 A 3 DE JULHO DE 1953)

Cerca de oito meses após estar servindo na Base Naval de Natal, onde exercera as funções de Comandante do Centro de Formação de Reservistas de Natal e de Encarregado da Divisão Militar da Base, foi, com grata surpresa designado Comandante do NHi “Rio Branco”, participando de uma das maiores efemérides da História da Hidrografia de nosso país, o Primeiro Levantamento Hidrográfico (LH) da Barra Norte do Rio Amazonas (1952).

Nesta comissão, com pouco mais de 340 dias de duração, até então a mais longa executada pelo nosso serviço hidrográfico em tempos modernos, *pode compreender a “solidão do comandante*⁶, distante da família e do porto sede.

Vale ressaltar que as cartas náuticas da região eram baseadas em LHs efetuados pelo hidrógrafo francês Tardy de Montravel entre 1842-1848. Ainda sem dispor de equipamentos eletrônicos de posicionamento, e utilizando-se pela primeira vez do ecobatímetro em LHs, o CT Maximiano e sua tripulação realizaram admiráveis trabalhos, executando o LH e produzindo as cartas náuticas que permitiram a abertura do Canal Norte do Amazonas a navios de grande porte, em proveito da exploração de manganês na região. Apesar das dificuldades e intempéries, o serviço fora executado com sucesso.

SENTIRÁ AO TEU LADO O SERVIÇO/E A GRANDEZA DA HIDROGRAFIA... BRASILEIRA!

ESTÁGIOS NOS ESTADOS-UNIDOS (FEVEREIRO A OUTUBRO DE 1954)

Em reconhecimento e como prêmio pelo notável LH na Barra Norte, foi designado para estágios no “United States Hydrographic Office” e no “Coast and Geodesic Survey”, ambos afetos às técnicas aplicadas à hidrografia e à construção de carta náutica. Dentre outras tarefas determinadas pela DHN, estava a escolha de um equipamento de posicionamento eletrônico.

Sua proposta de aquisição do sistema “Raydist” fora aceita e, a partir de 1955, acelerou-se substancialmente a execução do Plano Cartográfico Brasileiro, sendo este equipamento de coleta de dados geodésicos muito utilizado nos LHs até a década de 1980. Posteriormente fora Encarregado da Divisão de Levantamentos da DHN (novembro de 1954 a dezembro de 1956).

⁶ Id.

“JÁ CONHECES DO FUNDO A PRUMADA /SEM HAVERES LANÇADO O TEU PRUMO/POIS NAVEGAS EM ÁREA SONDADA, /PELA CARTA INDICAMOS TEU RUMO”. COMANDOS E DIREÇÃO NA DHN

Teve a oportunidade de comandar, ainda, os Navios- Hidrográficos “Caravellas” (12/1956 a 07/1957), “Sirius” e “Canopus” e o Navio-Oceanográfico “Almirante Saldanha” (06/1969 a 01/1970), além de dirigir o Centro de Sinalização Náutica e Reparos Almirante Moraes Rego (CAMR). No Comando do NHi “Sirius” (01/1958 a 03/1959), o qual teve a oportunidade de receber no Japão como Imediato, voltou a realizar levantamento na Barra Norte do Rio Amazonas. Dispondo de muito mais recursos, avaliou que poderia ter executado o LH de 1952 em metade do tempo. Em 1961 foi designado instrutor no curso de Aperfeiçoamento de Hidrografia. Já no comando do NHi “Canopus” (07/1963 a 11/1964) completou o levantamento da costa sul do Brasil e iniciou o do Arquipélago de Abrolhos.

Promovido a Capitão-de-Mar-e-Guerra, tornou-se o primeiro diretor do CAMR (01/1966 a 02/1967), antes um departamento da DHN. Elaborou o planejamento para recuperação e melhoramento do serviço de sinalização náutica no Brasil, que se consubstanciou como o primeiro plano de longo prazo para o mesmo, servindo de base para a elaboração da parte do Plano Diretor da Marinha pertinente à sinalização náutica.

Posteriormente, foi Delegado da Capitania dos Portos do Rio Grande do Sul em Porto Alegre (12/1964 a 12/1965), e membro do Estado-Maior da Junta Interamericana de Defesa, em Washington, Estados Unidos da América (05/1967 a 04/1969).

UM NOVO HORIZONTE REPLETO DE DESAFIOS: OFICIAL-GENERAL

No comando do “NOc Almirante Saldanha” foi promovido a Contra-Almirante. Do elogio concedido pelo Diretor da DHN, o então Contra-Almirante Júlio de Sá Bierrenbach, transcrevo o seguinte trecho “(...) *A DHN perde um grande Comandante, mas lucra, e com ela toda a Marinha, com o acesso de S. Exa. ao círculo dos Oficiais-Generais*”.⁷ Nomeado Diretor de Administração da Marinha (4/02/1970), contribuiu para a criação de uma nova mentalidade administrativa na Marinha. Promovido a Vice-Almirante fora Comandante do 1º Distrito Naval (05/05/1975 a 01/1977), onde se destacou pela implantação da Estação Naval do Rio de Janeiro, na Ilha de Mocanguê.

⁷ Ib.

Promovido a Almirante-de-Esquadra (25/11/1976) tomou posse como Diretor-Geral do Material da Marinha (DGMM, de 18/01/77 a 15/03/79). Escolhido pelo Exmo.Senhor Presidente da República João Figueiredo para Ministro de Estado da Marinha foi empossado no cargo em 15 de março de 1979 exercendo-o até o dia 22 de março de 1984.

MINISTRO DE ESTADO DA MARINHA: “LEALDADE” E “TRABALHO”

Ao ser honrado com o convite do Presidente Figueiredo para exercer o cargo de Ministro da Marinha, fez apenas duas promessas ao chefe: “Lealdade” e “Trabalho”.

E procurou seguir a risca o integral cumprimento das mesmas.

De forma empreendedora e dinâmica, implementara doutrinas e idéias que iriam se refletir na eficiência de nossa Força nos anos vindouros. Para um relato mais completo de sua gestão, o Ministro Maximiano Fonseca escreveu um livro-relatório, sob o título “*Cinco anos na Pasta da Marinha*”.

Visionário, percebeu a relevância estratégica para a Marinha em dominar a tecnologia da energia nuclear, sendo um dos idealizadores do Programa Nuclear Brasileiro. Decorrencia possivelmente do que ouvira do notável cientista Almirante Alvaro Alberto, como Capitão-Tenente, na década de 1950, numa conferência no Clube Naval⁸.

Ainda durante sua gestão na DGMM, o então CF (EN) Othon Luiz Pinheiro da Silva regressara dos Estados Unidos, onde concluíra um curso sobre energia nuclear. Após confecção de relatório detalhado, este preconizara que a Marinha deveria desenvolver um projeto de enriquecimento de urânio, com o propósito de dominar a obtenção de tecnologia para um submarino nuclear.

Sabidamente a Alta Administração Naval compreendeu a importância desta tecnologia, e hoje, a propulsão nuclear está próxima de ser alcançada por nossa Força.

Ainda sobre submarinos, preconizou o Ministro Maximiano de possuímos capacidade tecnológica para o projeto, construção e manutenção dos mesmos, criando o programa para construção de submarinos convencionais, que resultou em transferência de tecnologia para o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e a construção dos Classe “Tupi” IKL-209.

⁸ Maximiano Fonseca, *Cinco Anos na Pasta da Marinha*, Rio de Janeiro, Editora Independente, 1985.

Na área da Hidrografia e Sinalização Náutica, além da incorporação de novos meios flutuantes, foram adquiridos novos equipamentos, notadamente o Sistema de Automação Cartográfica, que veio colocar a DHN no mesmo nível dos melhores serviços hidrográficos. Ao deixar a pasta contávamos com 414 faróis e faroletes, destes, nada menos de 116 haviam sido acrescentados na sua gestão. Sua ação culminou com a transferência da DHN para a Ponta da Armação, em Niterói, o que vem permitindo, hoje, a contínua expansão da Diretoria e de suas organizações militares subordinadas.

Teve a iniciativa, e mesmo a tomada da decisão, em realizações das quais se destacam a transferência do 5º Distrito Naval da cidade de Florianópolis (SC) para a do Rio Grande (RS), após complexo e minucioso estudo do Vice-Almirante Caminha, então Comandante do 5º Distrito, em 1983; Criação do Comando Naval de Manaus, hoje 9º Distrito Naval; transformação do projeto Cabo Frio em Instituto Nacional para os Estudos do Mar – Almirante Paulo Moreira – IEAPM; Criação do posto de Almirante-de-Esquadra do Corpo de Fuzileiros Navais, ocasião na qual recebeu do Ex-Ministro Almirante Augusto Hamann Rademaker Grünewald o seguinte telegrama: “*Felicitações justa iniciativa criação posto Almirante de Esquadra CFN Alto Comando da Marinha PT Cumprimentos*”.

Em alto nível foram realizadas freqüentes reuniões do Almirantado para decidir sobre grandes problemas da Marinha. Além disso, instituí uma reunião anual do conselho de Almirantes, durante as quais qualquer Almirante tinha a oportunidade de expor seu ponto de vista sobre os problemas da Marinha. Também se instituiu uma reunião de confraternização anual com os oficiais da reserva e reformados, quando após uma palestra durante a qual o Ministro expunha os problemas da Marinha, concedia a palavra aos que dela quisessem fazer uso para emitir suas opiniões e sugestões.

Em sua gestão apenas deixou de visitar dois estados que tinham órgãos da Marinha, quais sejam Sergipe (Capitania dos Portos) e Acre (Delegacia da Capitania em Boca do Acre), o que pretendia fazer em 1984, não concretizando tais visitas em virtude de ter deixado o Ministério antes da data a prevista. Visitou praticamente todos os órgãos da Marinha nas diversas áreas, de delegacia de Capitania para cima, tendo inclusive visitado algumas Agências de Capitancias.

Em 1984 foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

AGRADECIMENTOS E PALAVRAS FINAIS

Almirante, quando o senhor assumiu o Ministério, proferiu as seguintes palavras:

“(...) Sinceramente, não posso me vangloriar de ser alçado a tão elevado cargo exclusivamente por méritos pessoais, se eles existiram, pois, salvo meu amor à Marinha, muitos foram os que contribuíram para que eu pudesse reunir as qualidades que me habilitaram a concorrer a uma indicação tão honrosa (...)”, em seguida agradeceu aos seus pais, mestres, esposa e subordinados.

À semelhança de Vossa Excelência, ao finalizar este artigo, agradeço ao Exmo. Vice-Almirante Luiz Fernando Palmer Fonseca, Diretor de Hidrografia e Navegação, pela maneira cortês e simpática a qual sempre respondeu, durante as raras oportunidades que a Marinha me concedeu, às inúmeras curiosidades feitas por mim sobre o Ministro Maximiano, seu pai.

Ao Comando e tripulação do Navio Polar “Almirante Maximiano”, na figura de seu Comandante, CMG Segóvia, agradeço a fidalguia com que fui recebido a bordo.

CONCLUSÃO

Pretendi com este artigo mostrar um pouco da vida deste Chefe Naval e líder que fora o Almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, de maneira a manter viva sua memória e exemplo.

Vivendo e amando a Marinha e o Brasil, com entusiasmo e dedicação ao serviço do início ao fim de nossas vidas, seremos muito felizes na vocação que escolhemos, pois *na Marinha só se entra, e dela nunca mais se sai.*

“Penso que o homem poderá considerar-se realizado na vida, se, mesmo sem ter feito grandes coisas, ao se aproximar do seu final, não tenha arrependimento dos caminhos trilhados ao longo da mesma, isto é, caso fosse possível recomencá-la os trilharia novamente”

Almirante Maximiano Fonseca

O sonho de menino simples do interior foi, na realidade, muito além daquilo com que ele conscientemente poderia imaginar. A Marinha ofereceu-lhe oportu-

tunidades sem par, às quais lhe permitiram galgar todos os postos da carreira e ocupar posições que nunca ousara ambicionar, culminando com a indicação para o cargo de Ministro de Estado.

Na Marinha, foi Tenente, Comandante, Almirante. Mas sobretudo foi um brasileiro que sempre acreditou na grandeza e no futuro de seu país.

Parafraçando as palavras do grande Chefe Naval Almirante Pedro Max Fernando de **Frontin**, Patrono de Minha Turma: “Quando não se pode fazer tudo

que se deve, deve-se fazer tudo que se pode”. Espero ter feito tudo o que se pode...

“Saberás ser o nosso desejo
“Que jamais tu navegues sozinho...”

Obrigado Almirante Maximiano.
Respeitosamente,

Vitor Deccache Chiozzo
Aspirante

BIBLIOGRAFIA

FONSECA, Maximiano. *De Taboas a Brasília*, Rio de Janeiro, Editora ao Livro Técnico, 1999.

_____. *O que segura este país*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. *Cinco anos na Pasta da Marinha*. Rio de Janeiro, Edição Independente, 1985.

SEPULVEDA, *Antonio Cesar Martins*. *Canção do Hidrógrafo*, 1981.

EMGEPRON: apoiando a formação da MARINHA do AMANHÃ

